

## O HERÓI TRÁGICO NO JORNALISMO LITERÁRIO: ANÁLISE DOS PERFIS DA REVISTA ROLLING STONE BRASIL

VINICIUS PEREIRA COLARES<sup>1</sup>; ALFEU SPAREMBERGER<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vpcolares@hotmail.com](mailto:vpcolares@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alfeu.sparemberger@terra.com.br](mailto:alfeu.sparemberger@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

A prática jornalística hoje tem uma preocupação com a verdade factual. É extensa a discussão acadêmica sobre a validade do olhar do jornalista diante de um fato e sobre o quanto fidedigna é a informação passada para o público em geral. O texto jornalístico, portanto, deve fugir de características encontradas na literatura de ficção e, *a priori*, a objetividade faz com que o uso de recursos literários não seja o ideal para o jornalismo diário. Presente em décadas passadas na discussão entre o factual e o ficcional, porém, o movimento Novo Jornalismo assumiu um caráter distinto do que é produzido na maioria das grandes empresas de comunicação que se baseiam no fazer jornalístico padronizado pelos norte-americanos - com o uso de técnicas como o lide e da pirâmide invertida.

Vamos definir *new journalism* dentro do gênero jornalismo literário e detalhá-lo durante o trabalho, sabendo da importância da discussão da possibilidade de uma maior inserção do jornalista dentro do próprio texto, se não como personagem, como figura impossibilitada de uma total isenção. Vamos, com base em Vilas Boas (2003), trabalhar com a definição deste outro gênero, o perfil, voltando a análise para um ator que está presente historicamente na literatura ficcional e não no jornalismo: o herói trágico.

Mesmo sendo um personagem que tem uma presença maior em romances - pensando no gênero literário - existem algumas reportagens e perfis inseridas no campo jornalístico que trabalham com características específicas do que se pode definir como herói trágico e fogem do padrão narrativo deste ambiente. Kothe (1987) vai ajudar a definir o caminho do herói trágico. É nesse híbrido entre o discurso jornalístico e a literatura que surgiram algumas revistas com editorias específicas, sendo a filial brasileira da revista Rolling Stone uma delas.

Entre os tantos perfis produzidos pela Rolling Stone Brasil, alguns parecem ser influenciados pelo jornalismo literário e o Novo Jornalismo, entre outras razões, por trazerem características específicas de seus personagens, marcando a presença explícita da visão do autor do texto e fugindo da dita objetividade jornalística. Em alguns casos essas personalidades são lembradas por suas atitudes, características físicas e psicológicas e são engrandecidas ou rebaixadas, como são os heróis. Vamos analisar neste trabalho se, de fato, existe esse personagem herói trágico na produção dos perfis da revista Rolling Stone Brasil, através da análise de três textos que foram publicados no período entre abril e setembro de 2014, definindo o jornalismo literário e o movimento Novo Jornalismo com base em Pena (2006) e Wolfe (1990). Scalzo (2003) será usada para pensar o jornalismo de revista e Weingarten (2010) para relembrar a história da Rolling Stone.

## 2. METODOLOGIA

O perfil vai ser entendido aqui como um gênero jornalístico, de acordo com Vilas Boas (2003). Diferente do jornalismo convencional, o autor traz a ideia de que nos perfis podem ficar claras as experiências dos repórteres que o escrevem e a estrutura de um perfil pode, de certa forma, fugir do texto padronizado de um jornal diário. Aqui já é possível fazer a relação entre a forma de escrever um perfil e sua inserção dentro das características do jornalismo literário.

Com essa liberdade de criação o jornalista que escreve um perfil pode, portanto, escapar das amarras do jornal diário (PENA, 2006) e trabalhar com jornalismo literário. Nesse caso, indicar sua visão sobre como deve ser visto o personagem principal de seu texto, muitas vezes glorifica ou rebaixa uma personalidade. É nesse híbrido entre factual e ficcional que uma pessoa comum pode se tornar, aos olhos do leitor, em uma espécie de herói. Será fundamental fazer um breve percurso do herói na história da literatura para analisarmos sua presença em alguns perfis vinculados a veículos jornalísticos, como é o caso da Rolling Stone Brasil.

Para a análise dos perfis publicados na revista, vamos nos ater nesse trabalho a um único tipo de personagem: o herói trágico. Kothe (1987, p. 12) lembra que o cenário onde ele surge é, predominantemente, a tragédia. O destino acaba o forçando a uma desgraça que o engrandece e é “[...] a queda do herói trágico o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza”. É possível encontrar em Édipo Rei, por exemplo, essa grandeza vinda de situações onde a degradação moral levaria uma pessoa qualquer ao rebaixamento, a queda. O valor transcendental desse aprendizado é lembrado pelo autor.

E é lá embaixo que ele redescobre a sua grandeza, não significando isto, porém, que ele necessariamente deixa de morrer ou que venha a recuperar o poder perdido. Ele como que perde o poder terreno para conquistar um poder espiritual; ele como que se despe do agora, para, lá debaixo, resplandecer elevada sabedoria, transcendendo todos os seus juízes e algozes. (KOTHE, 1987, p.26)

A partir dessa conceituação podemos definir quatro fases centrais do percurso do herói trágico: a *operação do acaso*, a *vivência de uma tragédia*, a *queda* e a *elevação*. O encontro dessas etapas vai marcar, neste trabalho, a presença desse tipo de personagem nos perfis analisados e, de forma autônoma, identifica-los como jornalismo literário.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de trazer as edições analisadas, para melhor entender as quatro fases que definimos como principais para o herói trágico, definimos de forma clara que *operação do acaso* está entendido como o rito que marca um momento pontual onde, em geral, é determinada a transformação do ser humano comum (ou elevado) em um personagem a caminho da queda/rebaixamento. A *vivência de uma tragédia* não necessariamente surgirá como um fato isolado, mas será definida como a(s) fase(s) que marca(m) os momentos de dificuldade inicial dessa personalidade. A *queda* e a *elevação* são a fase final entre a decadência total – moral e, na maioria dos casos, física - e a descoberta da grandeza do herói trágico através de seu engrandecimento – espiritual ou moral. Vamos buscar essas quatro etapas na análise dos perfis selecionados, definindo sempre o personagem central dos textos escolhidos. Define-se também que a identificação

dessas quatro fases faz com que, em uma maioria dos casos, o texto possa ser considerado produto do gênero jornalismo literário.

Para a escolha dos três perfis aqui presentes, foram analisadas todas as edições da revista Rolling Stone Brasil no período de janeiro a dezembro de 2014. Importante ressaltar que as capas de todas as filiais da revista ao redor do mundo, como se pode verificar online, são distintas mensalmente. O recorte feito aqui serve apenas para as edições da filial brasileira da RS.

No ano de 2014, a primeira publicação do ano - edição nº 88 - saiu no mês de janeiro sendo a última no mês de dezembro - edição de nº 100. A única edição que não foi levada em consideração na análise foi a de número 96, sendo esta uma edição especial - “Os 500 Maiores Álbuns de Todos os Tempos”.

Foram escolhidos, ao fim, três perfis de edições e editorias diferentes para que não houvesse possíveis similaridades antes mesmo das análises serem feitas. Durante a produção deste trabalho todos os textos estavam disponíveis no site da revista Rolling Stone Brasil.

Os perfis que vão ser analisado são: “Do Céu ao Inferno”, de Edgardo Martolio, na edição de número 91, mês de abril; “O Último dos Bee Gees”, de Josh Eells, na edição de número 94, de julho; e “O Calvário dos Transgêneros”, de Sabrina Rubin Erdely, na edição 97 de setembro. Todos os textos são do ano de 2014.

A análise de cada um dos textos têm, aproximadamente, três páginas. É, portanto, impossível trazê-las completas neste resumo. Foram encontrados trechos específicos nos perfis acima onde é possível evidenciar as quatro características do herói trágico. Como ilustração, buscamos no perfil “O Último dos Bee Gees”, a primeira particularidade deste tipo de personagem - a *vivência de uma tragédia* - logo no início do texto. O personagem principal do texto é Barry Gibb, último integrante vivo do Bee Gees, banda que formou com seus irmãos na década de 1960.

Sobre o personagem principal, Eells (2014, p. 73) diz que “o irmão mais novo dele, Robin, havia morrido depois de uma luta contra o câncer. Ele já tinha perdido os irmãos Maurice (gêmeo de Robin) e Andy, e o pai, Hugh”. A imprevisibilidade desses acontecimentos (a morte dos irmãos e do pai) marca este primeiro momento e encaminha Barry Gibb para o que pode ser a transformação do homem reconhecido mundialmente, que vive no alto – no sentido de sucesso, nobreza - para o herói trágico que decai depois de confrontar-se com o próprio destino.

Sucessivamente é possível encontrar as outras características que marcam o herói trágico não só neste perfil, mas nos outros dois analisados.

#### 4. CONCLUSÕES

Durante as análises encontramos a presença do herói trágico nos três textos presentes neste trabalho. Independentemente do caminho que seguiram as três narrativas (cronológico ou não) verificamos a transformação de um personagem em herói através da presença das quatro etapas do herói trágico (a *operação do acaso, a vivência de uma tragédia, a queda e a elevação*).

A sua presença *per si* enquadra um texto jornalístico como parte do gênero jornalismo literário, pensando na relação entre o factual e a liberdade narrativa do jornalista. Com raras exceções, apenas um trabalho de jornalismo literário poderia transformar um indivíduo, seja ele qual for, em herói aos olhos do leitor e, ainda assim, manter-se fiel a um princípio primordial jornalístico: informar.

Sabendo, através de pesquisa documental, que outros perfis publicados na Rolling Stone também podem trazer a presença senão do trágico, mas de outros tipos de herói, é possível pensar em um trabalho com um recorte maior e que analise também outros tipos de personagens (por exemplo, o herói épico, o pícaro, os super-heróis).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EELLS, Josh. **O Último dos Bee Gees**. Rolling Stone Brasil, São Paulo, nº 94, p.72-75, jul. 2014.

ERDELLY, Sabrina Rubin. **O Calvário dos Transgêneros**. Rolling Stone Brasil, São Paulo, nº 97, p.72-76, set. 2014.

GODOY, Arilda Schimidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas [da] A Escola de Administração de Empresas de São Paulo [da] Fundação Getúlio Vargas, v. 35, n.3, p. 20-29, Mai./Jun. 1995.

KOTHE, F. R. **O Herói**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1987.

MARTOLIO, Edgardo. **Do Céu ao Inferno**. Rolling Stone Brasil, São Paulo, nº 91, p.70-73, jul. 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROCHA, Antônio do Amaral. **A primeira versão**. São Paulo, 2006. Meio digital. <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/1/a-primeira-versao#imagem0>> Acesso em 02 de dezembro de 2014.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WEINGARTEN, Marc. **A turma que não escrevia direito: Wolfe, Thompson, Didion e a Revolução do Novo Jornalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

WOLFE, Tom. **The New Journalism**. Londres: PanBooks, 1990.